

Notícias do Algarve

SEMANÁRIO REGIONALISTA

EDITOR, PROPRIETÁRIO E DIRECTOR (INT.º)
ARMANDO ROCHA CRUZ
DIRECTOR ADJUNTO — JOSÉ MACHEIRA

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO—RUA S. PEDRO, 17 — OLHÃO
COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO—TIPOGRAFIA SOCORRO
TELEFONE 59
VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

BATALHA VITAL

RECENTE pedido em favor da Campanha contra o cancro levou-nos a escrever estas linhas. Somos leigos no conhecimento e tratamento da doença mas não desconhecemos, como aliás toda a gente, as devastações horríveis do que podemos considerar o inimigo número um da vida humana.

Tão certas e subtis são as suas manifestações que muitas vezes só dá por elas um entendido de longa prática.

Bastantes vezes só ao cabo de múltiplas análises e intervenções dos Raios X se pode afirmar estar em frente do implacável e ardiloso adversário.

Antigamente, e não vão tempos muito recuados, desconheciam-se as armas, não diremos já com que combatê-lo, mas, sequer, ao menos, com que evitá-lo.

Cria-se que era um bicho e voraz que ia comendo a carne do organismo e para saciá-lo punham-lhe na ferida bocados de toucinho. Um médico francês para exterminar um cancro no estômago da sua rainha fazia-a tomar todas as manhãs, em jejum, um copo de aguardente. Daí desenvolver-se o hábito pernicioso e em muitos inveterado do mata-bicho, o bicho imundo que medrava no augusto estômago de sua majestade.

Sabe-se que o cancro ataca os homens principalmente na boca e as mulheres nos seios e órgãos genitais. É de boa prudência, à mínima suspeita, consultar o médico e nunca entregar-se às práticas atrabiliárias de qualquer curandeiro.

O tabaco é causa, geradora de muitos cancros: nos lábios pelo uso excessivo do cigarro que vai queimando as membranas e células e nos

pulmões pela poluição e desgaste cansados pelo fumo.

Mas isso não evita que o homem, e já hoje também a mulher, se entreguem furiosamente ao prazer de chupar o tabaco e quanto aos pulmões as majestáticas companhias dos tabacos feridas no âmago dos seus interesses têm sempre poder e artimanhas para irem afirmando que o vício não destrói aqueles órgãos.

Assuntos são estes que não nos cumpre destrinçar até porque, para isso, nos falece autoridade.

O Instituto de Oncologia na Palhavã sob a proficiente, abnegada e tenaz direcção do mestre que é o senhor Doutor Francisco Gentil, é entre nós o principal baluarte na luta contra o monstro.

Auxiliá-lo é um dever que redundará em nosso benefício. Muitos lhe devem a vida; sabe-se lá se nós lha viremos também a dever.

Absorve grandes quantias o combate contra a doença. Concorramos com o que posamos, não só agora por este chuvoso e macilento Novembro, mas sempre e não só em dinheiro mas com os artigos que em dinheiro se possam converter.

A Campanha tudo recebe e nós, dando-lhe, muito gratos lhe devemos ainda ficar.

Regressou de Itália A PIANISTA

D. Maria A. Baião P. Vianna

Regressou de Itália, onde frequentou, no Conservatório de Veneza, o Curso Superior de Interpretação do Prof. Gino Govini, como bolsista do Instituto de Alta Cultura Italiana, a já grande pianista sr.ª D. Maria Augusta Baião Pinto Vianna, filha do distinto médico oftalmologista sr. dr. Arthur May Vianna.

A jovem artista, que conta no seu activo muitos triunfos, não só em Portugal como no país da música que é a Itália, vai prosseguir em Lisboa, no Conservatório Nacional, de que é uma das mais distintas alunas, os seus estudos.

S. GONÇALO DE LAGOS

grande figura de intelectual, artista e administrador que honra o Algarve!

Por ANTERO NOBRE

S. GONÇALO de Lagos, cujo 6.º Centenário se comemora no decurso 1960-61, não apenas na nossa Província, mas também pelo menos em Lisboa e Torres Vedras, com várias solenidades religiosas, cívicas e culturais, já anunciadas umas, outras a anunciar oportunamente e algumas delas por certo destinadas a vasta repercussão em todo o País, — é sem contestação uma grande figura algarvia, uma das figuras que mais honraram o Algarve na época áurea em que Sagres começou a fazer-se luzeiro do Mundo, e das que mais o dignificam e prestigiam ainda hoje,

e prestigiarão no futuro. E isto não só por ser o único algarvio que até agora mereceu a graça dos altares, não só pela sua santidade, não só pelo que há de sobrenatural na sua vida terrena e na sua glória — e que já seria muito, já seria bastante, já seria mais do que suficiente; mas, até apenas por quase tudo o que é meramente humano na sua figura. Porque, mesmo como simples homem, S. Gonçalo de Lagos foi excepcional e se impõe ao respeito, à consideração e à admiração dos homens; a quase nenhuma divulgação que têm tido, principalmente de há século e meio para

cá, os poucos dados biográficos fidedignos que nos restam de tão glorioso algarvio, é que tem permitido a ignorância, em que hoje geralmente se vive, de muitos ou

(Conclui na 6.ª Página)

O PLANO DE ACTIVIDADES MUNICIPAIS DE ALBUFEIRA

Prevê inúmeras obras e melhoramentos para o Concelho mas necessita do auxílio do Estado para os concretizar

Prosseguindo na publicação dos planos de actividades dos municípios algarvios, damos a seguir o da linda vida de Albufeira, famosa pela sua praia

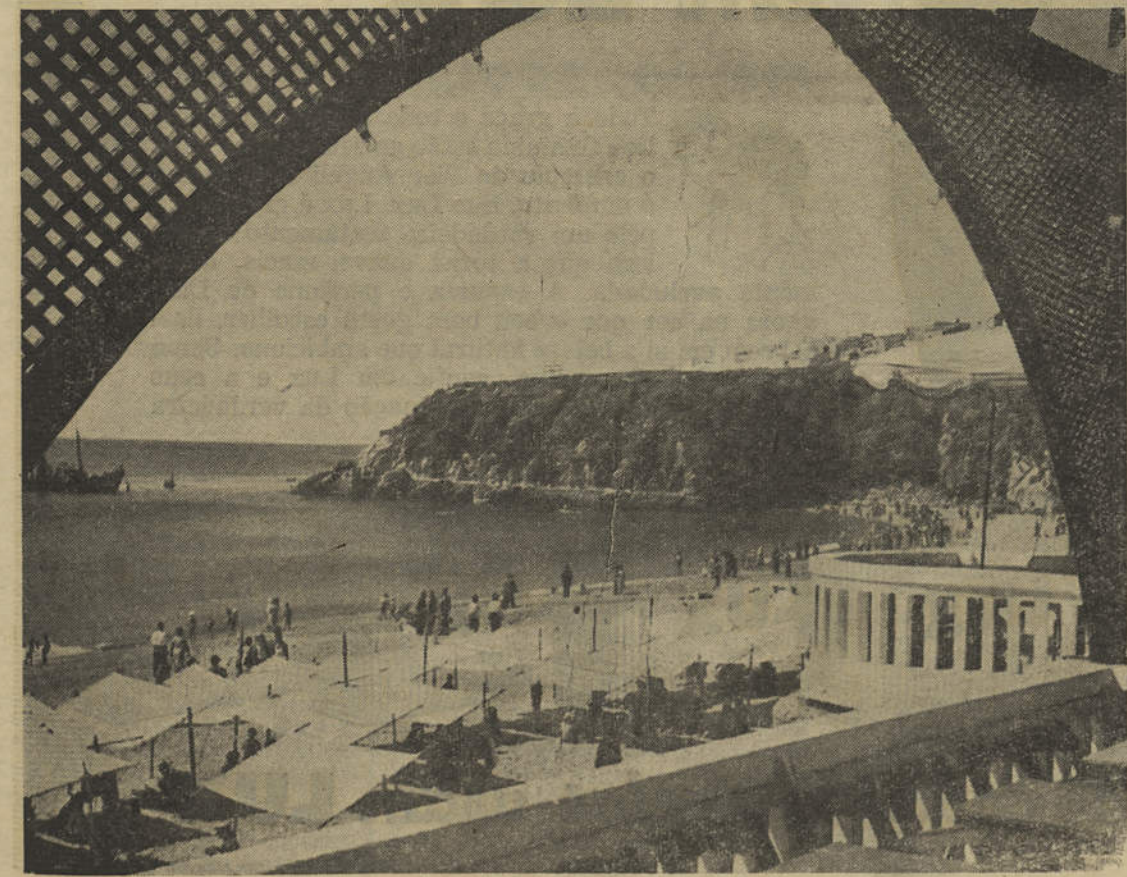
que é, sem dúvida, uma das mais belas da nossa Província:

Encargos de Empréstimos — Continuará a suportar-se o encargo do empréstimo de 250.000\$

contraído na Caixa Geral de Depósitos, Crédito e Previdência, em 2 de Abril de 1957, ao juro de 4 por cento, destinado à aquisição de contadores de água. É possível que na gerência de 1961 tenha que se contrair outro empréstimo, destinado a suportar o encargo do Município nas despesas a efectuar com a electrificação das povoações da Guia e Paderne.

Secretaria — Embora se reconheça ser insuficiente o pessoal que constitui o actual quadro, não se prevê ainda no próximo ano a criação de mais um lugar de escriturário, continuando a exigir-se sacrifícios de todos para o desempenho dos serviços. Ainda no corrente ano deve dar-se a vaga de aspirante em virtude de o actual serventuário ser oportunamente nomeado tesoureiro privativo da Câmara. Os serviços serão mais sobrecarregados com a falta deste funcionário, cuja vaga não será preenchida com a brevidade desejada, pois o actual escriturário não tem o tempo de serviço suficiente para ser admitido ao concurso de aspirante. Para atenuar esta crise, é de prever que seja feita uma nomeação interina em candidato que reúna os requisitos legais para o cargo. Como no ano anterior, foi possível à secretaria elaborar o processo para o lançamento da derrama destinada a fins de assistência, a cobrar juntamente com as contribuições gerais do Estado no próximo ano. O seu rendimento é computado em cerca de 90 contos.

(Conclui na 6.ª Página)



14 NOV. 1960

Conta Gotas

Por D. MARIA MANUELA NUNES

Sugestão para um poema

Um barco entre a chuva navega.
Vem da infância (que não tive)
faz uma escala pequenissima pelos meus dedos e desaparece ligeiro com um rasto de fumo comprido nos meus olhos...

A bondade

A bondade é poderosa.
Quando não pode ser de outro modo entra devagarinho em nossos sonhos...

Pelo dia adiante acena-nos lá longe com um lenço branco ou faz-nos um trejeito com uma expressão maliciosa...

Enxotamo-la das lojas do automóvel dos passeios.
Porém à noite devagarinho abre até aos nossos sonhos caminhos que só ela sabe.

A bondade é o romance da menina despresada que não desiste da herança.

(Conclui na 2.ª página)



Sorridente e feliz este encantador manequim francês apresenta para as nossas leitoras um original modelo de avental, cor cinzento-azul-claro, bordado a azul escuro, cor de laranja e branco. As bainhas são sublinhadas com largos pontos de cadeia.

VARANDA SOBRE O ESPAÇO

Por ANTÓNIO da COSTA

Mártires da ciência

Para que o progresso material e científico avance, muitos e muitos sacrifícios são feitos pelo Homem!

Ainda há poucos dias, em Milão, um grande médico italiano pagou com a vida uma das suas experiências. Chamava-se Orazio Gomes Carere e era professor de anatomia e de histologia patológica na Universidade de Milão.

Não querendo sacrificar segundos, serviu ele próprio de cobaia a um novo medicamento de sua invenção. Tratava-se de um remédio contra doenças orgânicas, a que havia dado o nome de «B 5», específico à base de vitamina B.

Morreu, com apenas 47 anos, esse cientista, numa tentativa de conquistar mais um elemento de cura para a vida humana!

Exemplo altruista e dignificante, este, numa época de tão ferozes egoísmo e pessoalismo — tão duros e ferozes que até fazem doer a alma!

Ainda há destes...

Em Londres, na capital de uma das nações mais verdadeiramente democráticas do mundo, sucedem-se coisas desconcertantes!

Nos primeiros dias deste mês, uma grande sessão de pacifistas foi por diversas vezes interrompida, à base de violências. Os que motiva-

(Conclui na 4.ª Página)



DECLARAÇÕES DO SR. DR. Francisco Fernandes Lopes

ao seu livro «A FIGURA E A OBRA DO INFANTE D. HENRIQUE» — recentemente premiado

TORREU com grande regozijo para os algarvios, e em particular para os olhanenses, a notícia da atribuição do 2.º prémio do Concurso «Grande Prémio Infante D. Henrique», organizado pela Comissão Executiva do V Centenário da Morte do Infante D. Henrique ao livro do devotado historiador da Vida e da Obra do Infante, sr. dr. Francisco Fernandes Lopes.

«Notícias do Algarve» não quis deixar de fazer eco desta notícia encontrando nas declarações feitas a este jornal do notável autor daquele livro, a melhor forma de o fazer.

— «O pequeno livro que agora publiquei sob o título de «A Figura e a Obra do Infante D. Hen-

rique» não tem outro fim senão dar a conhecer a quem se interesse por este assunto aquilo que actualmente se conhece como apurado com o possível rigor cronológico sobre a matéria em questão que costuma ser apresentada e deturpada sob um aspecto retórico, eivado de toda a espécie de fantasias, falsidades, deturpando a figura do Infante e a obra em que a sua acção se traduziu. Não tem, pois, outro valor senão o de uma espécie filme da sua vida e obra visionadas na sua sequência e conexão natural do berço ao túmulo. É apenas, como eu tive ocasião de dizer, outro dia, em Sagres, ao ilus-

(Conclui na 4.ª página)

MISCELANEA BOM SENSO CONTA GOTAS

PENSAMENTOS

■ A bondade adquire mais amigos que a riqueza, e mais crédito que o poder.

«Fenelon»

■ Os velhos gostam de dar bons conselhos, para se consolarem de já não poderem dar maus exemplos.

«La Rochefoucauld»

BOM CONSELHO

Para emagrecer o melhor regime é comer hortaliça quando apeteçam outras coisas, e só comer outras coisas quando apeteçam hortaliça.

■ Enquanto a arte de curar iguale a de matar... pobres dos que nascerem demasiado cedo.

«Cajal»

CASAMENTO

Um marido aborrecido definia assim o casamento:

— E' um jantar que começa pela sobremesa, e termina pela sopa caseira.

COMIDA

A descoberta de um novo prato, concorre mais para a felicidade do homem que a descoberta duma estrela.

«Brillat-Savarin»

ANEDOTAS

— Tinha falecido o esposo daquela jovem senhora que aliás experimentou um enorme desgosto, mandando colocar esta significativa frase na campa do marido:

Todos os dias se renova o prazer de beber



Fine Brandy

DELAFORCE
O MAIS SUAVE

PESCADORES

Na costa da Galé, em Setúbal, por força dos temporais, voltaram-se duas barcas e desapareceram os seus seis tripulantes.

Curvemo-nos respeitosos e comovidos ante a memória destes obscuros heróis que numa luta titânica jogam a vida para mesquinamente sustentarem e aos seus e não faltarem também a nós os necessários alimentos.

Algarvios, homens do mar que todos mais ou menos somos, sentimos como ninguém esta tragédia.

Descubramo-nos ante os humildes pescadores e saudemo-los no seu heróico sacrifício.

«Impossível suportar tanta dor...»

Passados porém que foram os primeiros 15 dias, a senhora resolveu casar-se novamente, mandando acrescentar na legenda da campa do primeiro marido a significativa palavra: «...sózinha».

No restaurante:

— Garçon, qual é o preço dum bife com batatas fritas?

— 20\$00, meu caro senhor.

— E sem batatas?

— Também 20\$00.

— Nesse caso, traga-me um prato só com batatas.

— Quanto custa esta cruz?

— Oitenta escudos. É cara?

— Não. É cruz!

— Podia-me dizer que horas são?

— No meu relógio faltam dez.

— Dez para que horas?

— Não sei. Só tenho o ponteiro dos minutos!

— Como é que o senhor se chama?

— Joaquim do Ó

— Ahn?

— Ó!

— Ah!

Aqueles dois irmãos eram tão gêmeos, que quando faziam a barba não precisavam de espelho.

Olhavam um para o outro!

Num exame de adultos:

— Conhece os reinos da Natureza?

— Não conheço todos, mas conheço alguns.

— Indique-me um reino da Natureza.

— D. Afonso Henriques.

VISADO PELA Comissão de Censura

PALAVRAS CRUZADAS

PROBLEMA N.º 9

1											
2											
3											
4											
5											
6											
7											
8											
9											
10											
11											
12											

NAVEGANTE (G. E. O) - OLHÃO

ram-se com elos; sólido de base circular ou elíptica, terminando em ponta. 5 - Reses em geral; sábio. 6 - Espaço de 12 meses; ligeireza. 7 - Contração de preposição e artigo; inundar. 8 - Aplicaram curativo; cinjo. 9 - Contaminar; líquido branco fornecido pelas fêmeas dos mamíferos (pl.). 10 - Afastara-se; esbelta.

HORIZONTAIS: 1 - Navegadores. 2 - Enfeitaria. 3 - Extraído; ajustei. 4 - Órgão feminino da geração; prender. 5 - Ratazana; límpida. 6 - Louça de metal amarelo; aparência. 7 - Além; soldado (gir.). 8 - Erga; gostei de. 9 - Retardar; avançar. 10 - Rapaz galante e presumido; ligo. 11 - Aqueles que exercem uma arte exclusivamente por gosto e não por obrigação. 12 - Pronome pessoal; artigo definido (pl.); apêndice membranoso de alguns insectos e peixes.

VERTICAIS: 1 - Simplicidade. 2 - Sacudira; vereador. 3 - Perna do compasso; oferece em sacrifício. 4 - Prenderam-se com elos; sólido de base circular ou elíptica, terminando em ponta. 5 - Reses em geral; sábio. 6 - Espaço de 12 meses; ligeireza. 7 - Contração de preposição e artigo; inundar. 8 - Aplicaram curativo; cinjo. 9 - Contaminar; líquido branco fornecido pelas fêmeas dos mamíferos (pl.). 10 - Afastara-se; esbelta.

A TIPOGRAFIA TIPOCOLOR IMPRESSOS DE TODOS OS GÉNEROS

TRAVESSA 18 DE JUNHO, 7

OLHÃO

É uma qualidade que nunca foi tão desprezada na política internacional, como na época em que vivemos. Quais irresponsáveis, os governantes dos grandes países ameaçam-se mutuamente, ameaças essas que não são isentas de cobardia. Até parecem garotos prestes a engalfinhar-se, medrosos que os adversários sejam mais fortes, mas contudo de pedra na mão, a gritar: — Bate lá! Bate! Se me tocas, racho-te a cabeça. Língua é que vocês têm.

CÍRCULO CULTURAL DE TAVIRA

△ CONVITE da Câmara Municipal de Tavira, o nosso ilustre comprovinciano sr. dr. J. Mimoso Barreto, redactor de «O Século» e da Emissora Nacional, realiza amanhã, dia 14, à noite, na Biblioteca daquela cidade, uma conferência sob o tema «Pré-história do Descobrimto do caminho para a Índia».

O dr. Mimoso Barreto, que é um distinto jornalista e um devotado algarvio, sempre que lhe é possível, aproveita os ensejos de conviver com os seus comprovincianos e quase todos os seus trabalhos literários se prendem com os problemas da sua provincia, devendo-se-lhe, por esse facto, alguns estudos muito valiosos, como conferências sobre João de Deus, Teixeira Gomes e o Infante D. Henrique.

Formado em Ciências Histórico-Filosóficas pela Faculdade de Lisboa, é sócio de honra do Instituto Português de Gerontologia e sócio efectivo da Sociedade de Geografia de Lisboa.

A sua apresentação é feita pelo ilustre prof. dr. Joaquim Magalhães, do Liceu Nacional de Faro.

Pela categoria do ilustre conferente que por amável deferência se desloca de Lisboa à cidade do Gilão, naquela data, e ainda pelo tema que vai tratar, certo estamos de que, à Sala da Biblioteca Municipal, acontecerão muitos ouvintes para escutar um facto histórico — os Descobrimtos.

E com esta conferência, o Círculo Cultural de Tavira, debelas tradições culturais, inicia o seu 3.º ano de actividades.

Exactamente, os chefes dos grandes países têm é língua. Apoiados nos seus exércitos, incham de basófia e ameaçam destruir cidades, países, o mundo, até. Não resistimos a chamar-lhes palermas.

Terão esses senhores, porventura, a noção do cargo que ocupam? Teriam eles já alguma vez meditado na sua missão, como condutores de povos?

Creemos que alguns podiam incarnar muito bem o papel daqueles chefes guerreiros, semi-bárbaros, sedentos de sangue, conquistas e pilhagens.

Que dizemos nós? Esses semi-bárbaros, carneiros, matam individualmente os seus inimigos, mas eram corajosos, arriscavam a vida.

Fstes, os da nossa época, sentados em luxuosos «maiples», tomando famosas bebidas, dizem apenas:

— Destruam o país tal! E logo, aviões, tanques, foguetões tratam de executar uma carnificina, onde muitas vezes não destroem os seus inimigos, mas sim crianças, mulheres, velhos e homens, cujo desejo é somente trabalhar e viver em paz.

Para dar essa ordem, não é preciso coragem nem arriscar a vida. Os outros que se matem...

Para dar essa ordem só é necessário falta de senso.

Evidentemente, na hora que passa, a situação modificou-se um pouco, pois, como os tais garotos, uns receiam a força dos outros e não sabem como fugir às represálias. E' esse medo que os sustém. Mas perguntamos nós: se tais senhores tivessem a noção de que, como governantes, a sua missão é proporcionar «o seu povo paz e não guerra, fartura e não fome, tranquilidade, progresso e alegria de viver, não evidenciaríam maior dose de bom-senso?

Porque não fazem nos países sufrágios nacionais para saberem o que desejam os seus povos? Sim, porque são os povos que formam as nações e por consequência eles é que devem indicar o caminho. Não é um ambicioso ou meia dúzia de loucos que devem ditar leis e lançar os que para isso em nada contribuíram, em carnificinas medonhas.

Já o mundo sofreu duas grandes guerras e ainda hoje os seus efeitos se fazem sentir. Temos, contudo, confiança que não haverá terceira.

A darmos guerdia à hipótese da guerra teríamos de admitir a mais que provável destruição do planeta, tal o poder devastador das armas que os homens criaram. Essa destruição equivalia ao aniquilamento do ser humano.

Nisso, porém, não acreditamos. O homem fez muita coisa, mas não fez o Universo. Há portanto um poder superior ao homem, miserável bago de areia que ainda não aprendeu a viver com bom senso.

Temos, pois, confiança que se estivesse eminente qualquer loucura, que implicasse a destruição do planeta, o poder superior ao homem, a quem deu livre arbtrio, infelizmente até hoje tão mal usado, interviria de forma que tal catástrofe não se consumasse.

J. A. R.

Melancolia

Murmúrio das horas correndo na vida riqueza da água perdida perdida...

Murmúrio dos sonhos nos campos do mar tormento amassado de ter de ficar...

Murmúrio dos sonhos que vão aos pedaços nascer florescer mais longa que os braços...

Para ti estes versos.

Amigo!
É de esperança que te quero falar
Quer dizer: falar-te do que é realmentr importante.
Cada um de nós está cercado; cada um de nós tem de romper o cerco.
Se encostares o rosto ao peito da muralha ouvirás o som débil de uns punhos a bater do outro lado.

Ouvirás este verso pequenino a dizer-te que só a indiferença é mortal.

Maria Manuela Nunes

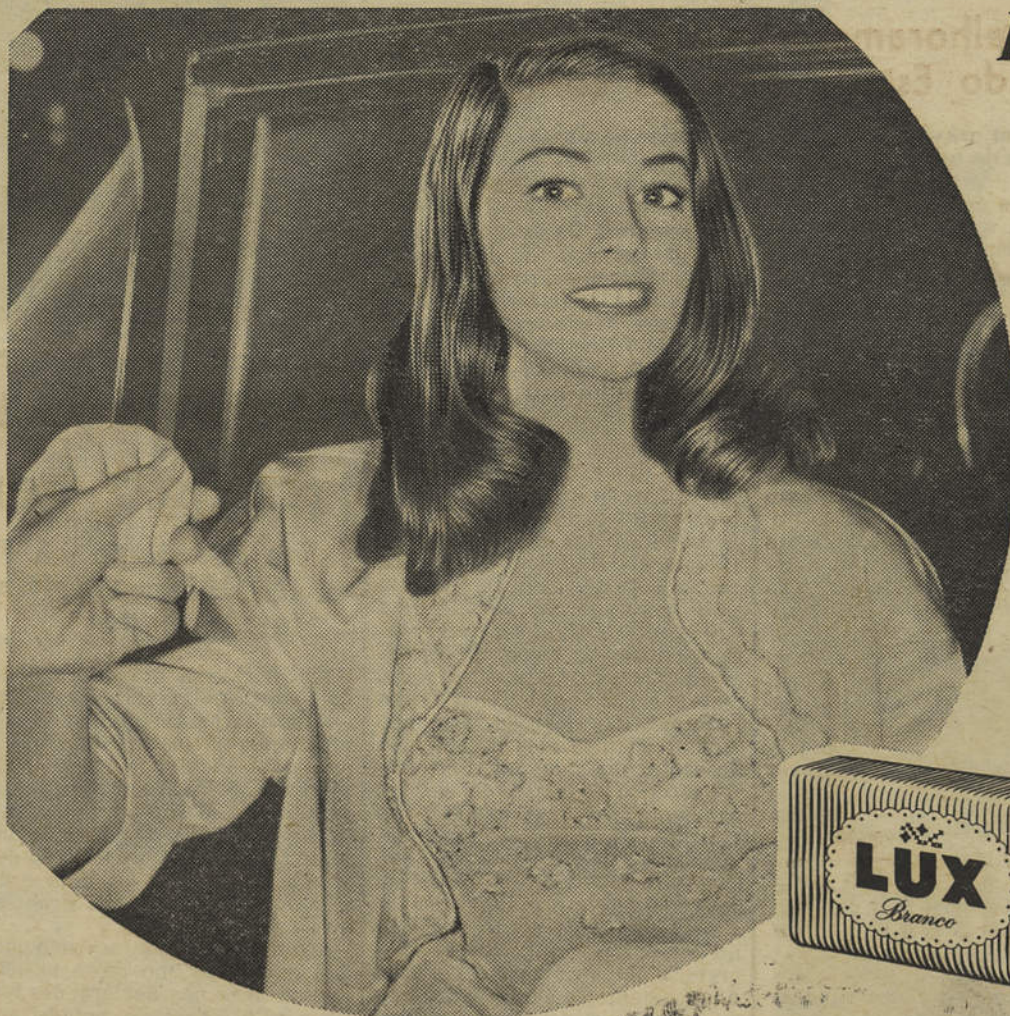
PORTO RAINHA SANTA

ATÉ OS ANJOS BEBEM!...

RODRIGUES PINHO & C.º

VILA NOVA DE GAIA

Assina e propaga "Noticias do Algarve"



Há para si tanta beleza em LUX!



Toda a graça e toda a sedução da beleza feminina estão ao seu alcance. Siga o exemplo de Pier Angeli cuja beleza é um êxito. Use Lux. Lux é para a sua pele um verdadeiro tratamento de beleza que a torna suave, macia, docemente aveludada. A espuma e perfume de Lux, agora na cor que o seu bom gosto escolher, descobrem em si a beleza natural que ambiciona. Como as estrelas de cinema, confie em Lux e a seus olhos resplandece toda a fascinação da verdadeira beleza.



9 de cada 10 estrelas usam LUX

Diz a actriz PIER ANGELI: «Se usar uma vez Lux, também v. passa a confiar nele».

Página de

ARTES E LETRAS

SAINT-JOHN PERSE

Prémio Nobel de Literatura de 1960

Por JUCIANO SIMÃO MORAIS

COMO é já do conhecimento geral o poeta francês Saint-John Perse foi galardoado com o prémio Nobel da Literatura deste ano, continuando-se, assim, o primado da poesia sobre a prosa. Efectivamente, de há três anos para cá só poetas se podem orgulhar de terem sido os escolhidos. Em 1958 foi o espanhol Juan Jimenez, em 1959 o italiano Salvador Quasimodo e agora o francês Saint-John Perse.

A imprensa diária deu o relevo devido a tão grande acontecimento cultural e, por isso, estamos convencidos que nos será impossível acrescentar qualquer novidade ao que os jornais diários oportunamente noticiaram. Não obstante, sentimos a obrigação de, nas colunas da nossa despretenciosa Página, prestar justa homenagem ao ilustre poeta francês, homenagem esta que reputamos de absolutamente necessária e merecida.

O HOMEM

Saint-John Perse, pseudónimo literário de Marie-René Auguste Alexis Saint-Leger, muito conhecido nos meios diplomáticos franceses pelo mais sintético e fácil Alexis Leger, nasceu em 31 de Maio de 1877 em Guadalupe, uma das pequenas Antilhas Francesas. Licenciou-se em Direito e, mais tarde, conseguiu o diploma da Escola de Altos Estudos Comerciais. Ingressou, então, na política tendo sido em 1914, consul suplente na Direcção Comercial e Política do Quai d'Orsay e, depois, em 1916, Secretário da Embaixada em Pequim. Representou a França, ainda, em muitas reuniões políticas e comerciais e, em 1933 foi nomeado Embaixador em Washington, cargo que, no entanto, rejeitou.

Com a ocupação da França em 1940, o Governo de Vichy expulsou-o do país e tirou-lhe todos os direitos de cidadania. A perseguição e má-vontade contra ele foi tal que chegaram mesmo a destruir-lhe toda a sua obra literária impressa até à data.

Perse recolheu-se, então, à América tendo fixado residência em Washington e desempenhado af as funções de Consultor Literário da Língua Francesa, na Biblioteca do Congresso. Com a libertação da sua Pátria foram-lhe de novo conferidos todos os direitos usurpados e, ainda, lhe foi proposta uma pensão por ter sido antigo diplomata. Contudo, Perse manteve-se na América, visitando, de vez em quando, a França mas sempre particularmente.

A POESIA

A sua obra poética é vasta e inspirada quase na totalidade pelos ideais simbolistas. Perse pretende com a sua poesia, descrever o Homem-Conquistador do Mundo e dos espaços cósmicos.

ANABASE, a obra que mais influiu na escolha do júri sueco e que dizem ter sido escrita num templo taoista após o regresso de uma expedição ao deserto de Gobi, é precisamente uma epopeia em que Perse conta as aventuras de um Homem-Conquistador que partiu à descoberta dum novo continente e que após ter descansado alguns momentos, tornou a partir para o desconhecido.

A própria Academia Sueca, na citação da atribuição do prémio, confessou que Perse o merecera «pelos altos voos e imaginação da sua poesia, que de uma maneira visionária, reflecte as condições da nossa época».

A OBRA

O primeiro volume de Perse apareceu a público em 1911 e intitulava-se ELOGES A ele se seguiram em 1924 ANABASE e AMITIE DU PRINCE, em 1941 EXIL (entrado clandestinamente na França ocupada), em 1944 PLUIES E NEIGE, em 1946 VENTS, em 1957 AMERS e há apenas um mês, CHRONIQUES.

Todos estes livros foram traduzidos em numerosas línguas, incluindo o português, e delas se distinguiram as traduções inglesas de autoria da Thomas Eliot, prémio Nobel de 1948.

Não foi este o primeiro prémio que Saint-John Perse conquistou. Já antes, em 1949 lhe havia sido

concedido, pela Academia Americana, o Grande Prémio da Poesia e, em 1959, obteve o Grande Prémio Nacional das Letras Francesas. Em 1955, fora também proposto para o Prémio Nobel mas, desta vez, foi preterido pelo poeta islandês Hallar Kiljan Laxness.

É sempre motivo de orgulho para qualquer homem de letras ser distinguido com o mais alto prémio mundial de cultura, que é o Prémio Nobel. A sua escolha, pela idoneidade do júri sueco que aprecia as obras propostas, é a prova do valor real do seu espírito privilegiado; é o testemunho público de que a sua obra intelectual merece a admiração de todos e por todos deve ser apreciada e estudada. Abstraindo mesmo o valor monetário de tão honroso galardão (na nossa moeda cerca de 1246 contos) fica-nos ainda o seu alto valor espiritual, muito mais significativo, sem dúvida, especialmente pela época que atravessamos.

Quando Perse soube da sua escolha afirmou: «considero o prémio não como um sucesso pessoal, mas sim como um tributo à poesia. Para mim esta é uma escolha significativa perfeitamente dentro do espírito que animo os criadores do Prémio Nobel que, acima de tudo, desejavam assegurar a existência dum certo idealismo. Ao coroar a poesia, a Academia Sueca pretende reanimar o humanismo,

OS DEDOS DA VIDA

Os dedos da vida estão a marcar marcas indeléveis que nem o sofrer consegue apagar.

Os dedos da vida' mais rijos, mais fortes, são ventos do mundo marcando seus nortes.

São ricos de desejo correndo seu mundo, nascendo num mar imundo, profundo.

Os dedos da vida teu corpo marcaram. — Traçados de sangue que jamais secaram?

As rosas de sangue, ainda em botão, há-de florir sonhos, sementes de pão.

Teu corpo, em semente do novo pomar, há-de abrir-se em rosas, dar pão para salvar.

A. V. C.

gravemente ameaçado pelo progresso da técnica moderna que constitui perigo real para a alma.

E com as palavras do poeta e ainda o testemunho da nossa admiração pelo maior poeta francês vivo — o poeta das epopeias planetárias e visionárias — damos por terminado o nosso apontamento.

NEVES

E depois vieram as neves, as primeiras neves da ausência sobre as grandes justaposições tecidas do sonho e do real; e deixada de todo a mágoa aos homens de memória, sobreveio uma frescura de linho em nossas témporas. E foi de manhã, sob o sol gris da aurora, um pouco antes da hora sexta, como numa angra de fortuna, um lugar de graça e de mercê onde licenciar o enxame das grandes odes do silêncio.

E toda a noite, sem o sabermos, sob esta altura feita de pluma, transportando altíssimo vestígio e carga de almas, as altas cida-

pedra furada de insectos luminosos não tinham parado de crescer e de exceder-se no olvido do seu peso. E só eles souberam qualquer coisa cuja memória é incerta e aberrante a

A parte que o espírito assumiu nessas coisas insignes, ignorámo-la.

Ninguém surpreendeu, ninguém conheceu, na mais alta frente de pedra, o primeiro afloramento desta hora sedosa, a primeira titilação desta coisa frágil e tão fútil como um roçar de cílios. Sobre os revestimentos de bronze e os arremessos de aço cromado, sobre as alvenarias de surda porcelana e as telhas de vidro espesso, sobre o fogueiro de mármore negro e o esporão de metal branco, ninguém surpreendeu, ninguém embacou esta névoa de um hálito à nascença, como o primeiro transe de uma lâmina posta a nu... Nevava, e por isso diremos mar-

a alva muda em sua pluma, como uma grande coruja fabulosa entregue aos sopros do espírito, inflava o seu corpo de dália branca. E tudo à nossa volta era prodígio e festa. E seja a saudação sobre a face dos terraços onde o Arquitecto, o outro Verão, nos mostrou ovos de pássaro nocturno.

SAINT-JOHN PERSE

Exposição do Livro Espanhol em Coimbra

Visitámos com natural agrado a sala de exposições de «O Primeiro de Janeiro», nesta cidade, onde está patente ao público, desde o passado dia 7 até ao próximo dia 17, uma Exposição do Livro Espanhol, incluindo obras e traduções de livros estrangeiros, publicados em Espanha nos últimos cinco anos, e que foi organizada pelo Instituto Nacional do Livro Espanhol.

São mais de dois mil volumes, de todas as especialidades, desde os dicionários e enciclopédias, até aos tratados especializados da Técnica e da Medicina, passando pela Literatura, Filosofia, Religião, etc.

E durante horas seguidas vagueámos o olhar maravilhado pelo escaparate infundável. Quando chegámos ao fim ficámos convencidos que, de facto, a obra editorial espanhola é qualquer coisa de importante. E é realmente assim, tal a profusão e abundância dos assuntos tratados e a maneira como são apresentados aos leitores.

Pena temos nós de não nos ser possível ler todos aqueles volumes e ir, assim, além da simples olhadela à encadernação bem apresentada, sem dúvida, mas que, contudo, pode ser enganadora. Então sim, estaríamos aptos a testemunhar o real valor de tão importante manifestação cultural.

Além do aspecto de propaganda, temos de levar em linha de conta, ainda, o seu aspecto educacional e benemérito, pois que fechada a publicação a exposição todas as obras expostas serão oferecidas a instituições portuguesas, graças à colaboração desinteressada dos editores espanhóis e à boa-vontade da Direcção Geral de Relações Culturais do Ministério dos Negócios Estrangeiros de Espanha.

A ideia felicíssima e original não nos pode passar despercebida e quere-nos parecer que o Instituto Nacional do Livro Espanhol deu um bom passo para o estreitamento das relações culturais ibéricas. Bem haja!

A NOSSA ANTOLOGIA (5)

RAMALHO ORTIÇÃO

DESTA feita é a Ramalho Ortiga — o brilhante prosador, companheiro de Eça e um daqueles que mais e melhor escreveu no género descritivo — que cabe a vez de ser apresentado aos nossos leitores em continuação da nossa antologia. De Ramalho há até quem diga — e não são poucos! — que é o nosso melhor estilista no género narrativo e descritivo. Muito sóbrio na linguagem mas de prosa variada e bem adjectivada Ramalho é sobre tudo um grande apreciador das belezas naturais, sabendo extrair delas o que mais interesse possa ter para um provável leitor da sua descrição.

Ramalho dedicou-se desde muito novo ao jornalismo. Tendo nascido em 1836 em Barreiros, concelho de Maia, foi professor num colégio do Porto, assim que terminou os seus estudos e, ao mesmo tempo, o principal redactor do «Jornal do Porto». Depois, em 1869, foi para Lisboa como oficial da Academia das Ciências, a mesma da qual foi feito sócio alguns anos mais tarde. Al. colaborou assiduamente em quase todos os periódicos da ca-

pital, tendo sido por essa ocasião que escreveu, de parceria com o seu grande amigo Eça. OS MISTÉRIOS DA ESTRADA DE SINTRA que trouxeram amedrontados durante bastante tempo os habitantes da região' e as celebradas e muito discutidas FARPAS, onde ridicularizou e criticou asperamente a sociedade de então. Ramalho foi também uma das

figuras preponderantes da não menos célebre Questão Coimbrã, a polémica literária de maiores proporções dentro da nossa literatura e aquela que deu a primeira vitória aos jovens ideais Realistas. De início, Ramalho, por ser amigo íntimo de alguns dos contendores, pretendeu ficar à parte e sem tomar qualquer posição perante a troca sem fim dos prospectos insultuosos, mas por fim, não se contentando mais, lançou o público o panfleto, intitulado LITERATURA D'HOJE, onde criticava asperamente a nova escola, tendo proferido tais improperios que se envolveu em duelo com Antero do Quental.

A sua obra é vastíssima, a maioria descrevendo cenas e paisagens observadas pelas viagens que fez por todo o País e pelo estrangeiro. Escreveu: HISTÓRIAS COR DE ROSA (contos), EM PARIS, BIOGRAFIA DE EMILIA ADELAIDE PIMENTEL, BANHOS DE CALDAS E ÁGUAS MINERAIS AS PRAIAS DE PORTUGAL, NOTAS DE VIAGEM, PELA TERRA ALHEIA, JOHN BULL. O CULTO DA ARTE EM PORTUGAL, COSTUMES E PERIFIS. PRIMEIRAS PROSAS, CRÓNICAS PORTUENSES e póstumamente saídas a lume. ÚLTIMAS FARPAS, FARPAS ESQUECIDAS, e QUATRO GRANDES FIGURAS: CAMÕES, GARRET, CAMILO E EÇA. Mas a sua coroa de glória é sem dúvida A HOLANDA, obra iniciada em folhetins para a «Gazeta de Notícias» do Rio de Janeiro, por volta de 1885, e que dois anos após foi impressa em volume. Nela, Ramalho atingiu o mais alto grau do seu policromismo descritivo, deliciando-nos com as paisagens e o modo de viver nos Países Baixos. Descreve-nos numa maneira tão real as cidades de Amesterdão, com as suas ruas apinhadas de gente, os seus canais, edifícios e monumentos e até os velhos bairros, os tipos característicos, o vestuário e a indole dos holandeses (a quem chama caricaturalmente de *lactinios*); de Roterdão, com o seu porto comercial e a sua vida nocturna; de Haia com a sua elegância cosmopolita, as corridas de cavalos e o seu maravilhoso bosque; de Scheveningue, com a sua praia de banhistas e pescadores; descreve-nos, dizíamos, numa maneira tão real, todas estas cidades, que muitas das vezes parece-ros ver perpassar pelos nossos olhos o que Ramalho observou e nos transmitiu pela sua pena maravilhosa.

De A HOLANDA extraímos o texto que completa por hoje A NOSSA ANTOLOGIA, e escolhemo-lo por ser o mais característico do estilo de Ramalho nem aquele, sequer, em que o autor nos oferece toda a gama dos seus recursos literários, mas por se tratar da descrição duma vila à beira-mar como tantas outras do nosso Algarve, também com pescadores valentes e temerários, mas onde se observam certas particularidades que as diferenciam das nossas e pelas quais há muito vimos pugnando nas colunas do nosso jornal, sem, contudo, as vermos modificadas.

* * *

«É por uma deliciosa estrada, sobre a orla da mata, que se vai de tramway a Scheveningue, o arrabalde marítimo de Haia, a sua praia de pesca e de banhos.

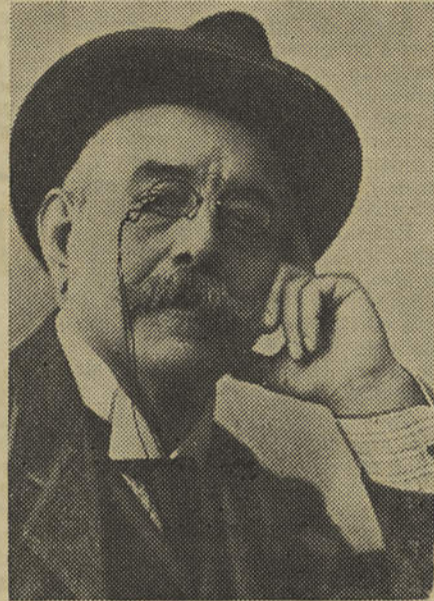
Duas povoações unidas mas completamente diversas: dos pescadores e dos banhistas.

Scheveningue é uma das principais estações da pesca riquíssima do arenque. Mas em Scheveningue, e nas demais aldeias marítimas da Holanda, assim como na Póvoa e na Costa da Caparica em Portugal, são os proprietários dos barcos e das redes que empolgam o melhor dos lucros, o pescador propriamente dito é vilmente explorado pelo empreiteiro.

O bairro dos indígenas é quasi tão pobre, em Scheveningue, a duas milhas de Haia, como na Trafaria em frente de Li-boa. A população tem porém aqui um carácter mais grave, uma aparência mais austera, porque os homens são verdadeiros navegadores e não catraeiros como na bacia do Tejo.

Quando chega a estação da pesca, no princípio de Junho, os de Scheveningue partem para o largo, até os mares da Escócia, numa flotilha de sólidas embar-

(Conclui na 4.ª página)



CRÔNICA LITERÁRIA

"VOZ INICIAL"

Por ANTÓNIO RAMOS ROSA

O POETA farenses r. António Ramos Rosa acaba de publicar um novo volume de versos. E' o seu terceiro volume. E faz parte da «Colecção Círculo de Poesia», que a Livraria Moraes Editora, de Lisboa, em tão boa hora iniciou. E' o décimo, dessa colecção e intitula-se «Voz Inicial».

Depois de «O Grito Claro», que a crítica saudou como uma esplêndida realidade poética, e de «Viagem através duma nebulosa», galardoado com um significativo segundo lugar no «Prémio Fernando Pessoa», «Voz Inicial».

Este novo livro de poesia confirma as reais qualidades de poeta de A. R. R. Através dele palpitam ideias e imagens que o leitor atento completa na sua interpretação. E' que a poesia do vate farenses é rica, bastante rica, de sugestões. A intenção anda de mãos dadas com a beleza de ritmos, de profundos conceitos filosóficos.

O leitor desprevenido pode achar nessa poesia como que um labirinto sem saída. Pode como que tentar a decifração do que não tem possibilidade de ser decifrado. É que a poesia de A. R. R. soa fundo no ser de quem a entende. Não é fácil ser-se Poeta. Não é poeta quem quer. Também, ao contrário do que muita gente julga, não é leitor de poesia quem quer. O facto de se saber ler, e, muitas vezes, sabê-lo com desenvoltura e correção, não pode conferir o direito de saber ser um leitor de poesia. A poesia só se entrega, pura na sua essência, a quem a saiba amar e entender. Mais pela riqueza de sugestões que pela clareza de exposição.

Lembramo-nos, agora, da inutilidade do nosso esforço em tentar fazer compreender poetas de «Viagem através duma nebulosa». Era

numa reunião de pessoas cultas. Ou instruídas, melhor dito. Pois riram-se da minha insistência! Por melhor que eu pudesse sentir e interpretar a riqueza de símbolos que o poeta havia florido nas páginas do seu belo livro, era clara a incompreensão! Fiquei desiludido. Desiludido acerca de muita coisa. E, em especial, do real valor em relação à cultura de muita gente instruída!

Em «Voz Inicial» é claro o amadurecimento do poeta. Sente-se que a espontaneidade é fluente. Que o surto de imagens larga-se sem esforço. Que flue da sua poesia, autêntica poesia, um halo de pureza original. É sempre novo, cada conceito florido em seus versos!

Escutemos alguns dos seus cantos, plenos de profundidade poética:

Quem sou já não interessa se o disse na certeza que começa outro ser.

Deslizo no teu corpo sou a mão [do teu seio sou o teu lábio e a coxa da tua

sou nos teus dedos toda a redondez [de meu corpo sou a sombra que conhece a luz que a submerge

Este viver comum será nosso futuro Já nosso já presente este amor que não temos

É nosso e nosso o tempo que de tão longe somos O pomo puro que negam branco se fez no dia

Eis o homem de Abril. Nasceu fraco e de pé. Já fraco, fez-se velho. Fez-se velho a valer.

Sentou-se ao pé dum muro. Atrás do sol nascia. Uma rosa rompeu. Era manhã. Bom dia!

Está de parabéns A. R. R. E o Algarve pode orgulhar-se de contar com um valor incontestável na Poesia Portuguesa!

António da Conceição

RAMALHO ORTIÇÃO

(Conclusão da 3.ª página)

cações cobertas, largas, de um só mastro, com uma vela quadrada, protegidas por uma corveta de guerra, que as acompanha, representando o governo neerlandês na policia do mar.

Esses homens tão valorosos, tão simples, tão despremiados, tão pobres, sabem todos ler e escrever. Levam consigo, ao partir, uma Bíblia, que lêem em grupos no convés à hora da folga, e não bebem senão água enquanto permanecem a bordo.

Quando a tempestade rebenta, e depois de grande luta eles se convencem de que não podem dominar a inclemência do mar, fecham as escotilhas, e imóveis na pequena câmara, silenciosos, de mãos debaixo dos braços, esperam heroicamente a morte, ao mesmo tempo que em terra, no abrigo das dunas em que escachoa o mar, como por trás das trincheiras duma bateria bombardeada, nas cabanas sacudidas pelo tufo, junto do lar querido, num acção religioso, de altar, as mulheres pálidas, de terror, cantam os salmos.

Em todo o tempo da pesca ninguém vê em terra um só homem válido.

As ruas da aldeia, bem diferentes das aldeias da beira-mar em Portugal, são tão escrupulosamente acaçadas como o tombadilho dum navio de recreio. Nem a silha de estreme, nem o lixo esparsos debicados pelas galinhas ao sol, nem a carnada que sobeja do isco dos anzóis a fermentar na areia, nem as crianças sujas, por vestir e por assoar, nem os peixes escaldados presos com três pregos às portas escancaradas.

Todas as casas de Scheveningue estão fechadas e reluzem pintadas de novo. Atada às janelas alveja a cortina de casa, e poisa no peitoril um vaso de flores.

(Extraído de A HOLANDA)

DR. GIUSEPPE GUARNERO

Foi nomeado há pouco Presidente da Câmara de Comércio Italiano em Portugal o sr. Dr. Giuseppe Guarnero, figura já entre nós muito conhecida como director da Fiat Portuguesa.

Esta noticia regozija-nos bastante, porquanto de nacionalidade italiana o sr. Giuseppe Guarnero dedica à nossa provincia excepcional carinho, muito especialmente à Praia de Monte Gordo, que visita quando se desloca ao Algarve.

Ao novo Presidente da Câmara de Comércio Italiano apresentamos as nossas felicitações.

Declarações do sr. dr. Francisco Fernandes Lopes

(Conclusão da 1.ª página)

tre escritor francês Jean d'Esme, uma espécie de esqueleto que os artistas como ele revestiram de bela carne poética.

Obra, pois, de historiador, e nada mais, em linguagem corrente, acessível a toda a gente, medianamente culta.

O concurso do «Grande Prémio Infante D. Henrique», aberto pela Comissão Executiva do V Centenário da Morte do Infante D. Henrique, destinava-se à atribuição de dois prémios: um primeiro de 100 contos e um segundo de 50. O concurso era internacional, podendo concorrer a ele livros em qualquer das seis línguas da comunidade europeia: português, francês, espanhol, italiano, inglês e alemão. Assim, penso que o primeiro prémio teria em vista provocar o aparecimento de alguma obra de grande tombo, especialmente estrangeira. Pelo visto, porém, tal obra não apareceu e, por isso, o prémio não teria sido atribuído.

Assim, de entre as obras enviadas a concurso (não sei quantas; sabendo apenas que a minha, apresentada no último dia do prazo, em 30 de Junho, tivera o número 10 conforme o recibo que conservo), todas certamente de menor categoria, só seriam seus ceptíveis de obter o 2.º prémio.

Entendeu o Juri que a minha teria correspondido melhor ao fim a que o concurso se destinava: distinguir e premiar o melhor livro editado até à data considerada a figura e a obra do Infante num âmbito geral da História de Portugal.

Devo acrescentar que a edição do meu livro resultou do obséquio do meu particular amigo e devotado algarvio, sr. Agostinho Fernandes, sócio-gerente da Portugália Editora, Limitada.

Quando ao meu trabalho resultou ele do estudo que tenho prosseguido o melhor que me foi possível, à margem da minha vida profissional, desde há quase trinta anos — precisamente desde a excursão que, com os alunos do Liceu de Faro, onde era professor provisório, acidentalmente fiz a Marrocos em 1952 e da qual resultou o ter sido chamada a minha atenção para o Infante D. Henrique e os problemas relativos à localização da sua vila em Sagres.

Em artigo publicado no extinto «Diário do Algarve» de Faro, e depois também no extinto «Diário Liberal», fora eu expondo os resultados das minhas indagações no ano de 1953.

Um outro estudo, publicado no Boletim da Junta de Provincia, por ocasião do Centenário, sobre o «Algarve e o Infante D. Henrique», levou mais longe as minhas investigações, acabando por con-

denar-se num opúsculo sobre «A Terça Naval e a Escola de Sagres» que apresentei como comunicação ao Congresso Luso-Espanhol de Córdova, em 1944.

Tudo veio, finalmente, a ordenar-se na biografia do Infante D. Henrique que dei à Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira e que ref-ndida, desenvolvida e actualizada veio a constituir matéria do livro agora em questão. Nas notas que considerei indispensável aditar ao que escrevera, como esclarecimento de certos pontos, tentei focar alguns dos muitos e variados problemas que a consideração da matéria henriquina implica ou suscita. Ao aproveitamento deste complexo de questões continuei, agora, dentro do esquema cronológico, que o livrinho representa, a aplicar a minha atenção utilizando material porventura ainda inexplorado, até aonde me for possível.

Como vê foi unicamente devido a uma série de acasos que dentro do meu enciclopedismo inveterado eu vim parar ao âmbito do henriquismo e nele, por assim dizer, me especializei e, já agora, como estímulo e em recompensa do prémio recebido, dele não sairei mais, provavelmente...

VARANDA SOBRE O ESPAÇO

(Conclusão da 1.ª página)

ram tais interrupções eram declaradamente contra o pacifismo!

Não compreendemos, não há maneira de compreendermos, como existem pessoas que querem a guerra — sem que pretendamos meter em tal número os naturalmente interessados nelas; fabricantes de armamentos, altos financeiros e seus aparentados.

Também não acreditamos que sejam homens simples que tal pretendam. Esses, pela certa, são pais, irmãos, filhos e noivos, e sabem que têm tudo a perder com uma nova guerra. Os seus interesses estão profundamente ligados à causa da Paz. E por certo que a totalidade dos que celebravam tal sessão pacifista sabem quanto

PALÁCIO DE JUSTIÇA DE OLHÃO

Nos Paços do Concelho de Olhão terá lugar, em 19 do corrente, pelas 15 horas, o concurso para arrematação da obra de construção do Palácio da Justiça da vila cubista.

A base de licitação e de 3.570.650\$00.

DESPORTO

Campeonato Nacional da II Divisão

CLASSIFICAÇÃO

	J.	V.	E.	D.	B.	P.
OLHANENSE	7	6	1	—	26-2	13
FARENSE	7	6	—	1	15-6	12
V. Setubal	7	5	1	1	21-8	11
Oriental	7	5	—	2	13-5	10
Alhandra	7	4	1	2	18-12	9
PORTIMONENSE	7	3	2	2	8-7	8
S. L. Olivais	7	3	1	3	12-9	7
Estoril	7	2	2	3	9-12	6
Montijo	7	2	1	4	7-13	5
U. de Montemor	7	2	—	5	14-21	4
D. de Beja	7	2	—	5	6-16	4
LUSITANO	7	—	3	4	5-13	3
Juventude	7	1	1	5	4-16	3
Sacavenense	7	1	1	5	3-20	3

Jogos para hoje: LUSITANO-Juventude; Estoril-Alhandra; Beja-OLHANENSE; Montijo-Sacavenense; Oriental-V. Setubal; FARENSE-Montemor; Olivais-PORTIMONENSE.

BOLETIM DE SANIDADE

São avisados todos os candidatos a, ou portadores do Boletim de Sanidade, que devem comparecer nos dias 23, 24, 25, 26 e 27 do mês de Novembro, na Subdelegação de Saúde em Vila Real de Santo António, a fim de obterem os radiofotos (vulgo microradiografia) indispensáveis para a regularização, no ano de 1961, dos mesmos Boletins.

O SR. DR. ALBERTO IRIA

proferiu uma conferência sobre «As Caravelas do Infante e os Caiques do Algarve»

Na ocasião dos arqueólogos, fez, na passada quinta-feira, uma conferência sobre «As caravelas do Infante e os caiques do Algarve», integrada no âmbito das comemorações henriquinas, o sr. dr. Alberto Iria, nosso ilustre comprovinciano.

Depois de fazer o panegirico do Infante D. Henrique, o conferente defendeu, com o auxilio de fotografias, e outros documentos, o critério que os caiques de pesca algarvia, de velas latinas, especialmente os de Olhão, seu antigo e principal porto de armamento, influenciaram a construção dos barcos de igual tipo de Peniche para o sul do litoral português, e, também, no sul de Angola. Filiam a sua geneologia nas mui nobres caravelas daquele principe.

No final, o ilustre conferente foi muito felicitado pelo seu apreciado trabalho.

ESTABECIMENTO COMERCIAL MIXTO

Com dois alvarás trespassa-se ou vende-se toda a existência, num bom local deste concelho, com grande clientela, por motivos à vista.

Nesta redacção se informa para ser tratado com o próprio.

TINTAS EXCELSIOR

NA CONSTRUÇÃO NAVAL PORTUGUESA

J. A. HONRADO & CALLADO, LDA.

AGENDA

TRINEIRAS

MOVIMENTO DA LOTA

de Vila Real de Santo António de 4 a 10 de Novembro

Brisa	158.520\$00
Maria Rosa	137.630\$00
Norte	113.700\$00
Triunfante	99.280\$03
Conceçanita	97.980\$00
Vulcão	87.980\$00
Les'e	87.390\$00
Suestada	84.880\$00
Audaz	65.800\$00
Temporal	62.745\$00
Amazona	61.330\$00
Janita	58.430\$00
Nova Sr.ª da Piedade	57.250\$00
Refrega	50.225\$00
Flor do Guadiana	47.740\$00
Liberta	45.4.0500
Marilu	38.750\$04
Pérola do Guadiana	37.930\$00
Estrela do sul	35.895\$00
Flor do Sul	34.780\$00
Alvarito	21.700\$00
Restauração	16.610\$00
Agão	12.900\$00
Clarinha	9.730\$00
Cruzeiro do Sul	9.450\$00
Salvadora	6.865\$00
Noroeste	6.300\$00
Costa Azul	5.050\$00
Fernando Carlos	1.980\$00
Sr.ª da Saúde	1.840\$00
Total	1.528.390\$00

Peixe diverso apanhado por várias embarcações 49.087\$00
Total 1.631.477\$00

FARMÁCIA DE SERVIÇO

Está de serviço permanente de 12 a 18 de Novembro a Farmácia CARMO, Rua S. João de Brito — Telefone 31.

CASAMENTOS

Realizou-se na Igreja de S. Vicente de Fora, em Lisboa, a cerimónia do casamento da sr.ª D. Maria Celsília Pinto Vaz Palma, filha da sr.ª D. Emilia Nogueira Pinto Vaz Palma e do sr. dr. Joaquim Vaz Palma, distinto médico em Monchique, com o sr. dr. Luiz Eduardo da Silva Bárbara, filho da sr. D. Ilda de Sousa Silva Bárbara e do sr. Humberto Antunes Bárbara.

Foram padrinhos por parte da noiva seus pais, e por parte do noivo sua tia sr.ª D. Sara Sousa da Silva, e seu avô sr. Luiz Rodrigues da Silva e foi celebrante o reverendo sr. Dr. Sezinando Oliveria Rosa, que celebrou missa, acompanhado pelo côro da polifonia de Lisboa.

O banquete foi servido na Casa do Leão, Castelo de S. Jorge. Os noivos partiram para a Ilha da Madeira em viagem de nupcias, fixando residência em Lisboa.

No passado dia 30 de Outubro, realizou-se em Lisboa, na Igreja das Mercês, o enlace matrimonial do nosso prezado assinante e comprovinciano, sr. António José Mendonça com, a sr.ª D. Maria de Lourdes Rochinha.

Apadrinharam o acto, os tíos do noivo, sr. António de Brito Mendonça e sua esposa sr.ª D. Maria Irene André Mendonça.

Aos nubentos os nossos parabens e votos de imensas felicidades.

Nova carreira de Autocarros da Empresa Rodoviária do Sotavento do Algarve

Requeru licença para a circulação de seus carros, em carreiras regulares, entre Estimamanténs e Tavira, passando por Santo Estevão, a Empresa Rodoviária do Sotavento do Algarve, Lda., com sede em Olhão.

CAUTELA

O menino tinha 16 meses e estava aos cuidados de uma tia. Esta desviou-se e ele traquinando pela casa encontrou um pacote de raticida. Encontrou-o e comeu-o. Quando a tia voltou deu com a criança inanimada. No hospital só puderam reconhecer que estava morta.

Um botão que secou antes de desabrochar.

• NOTÍCIAS DO ALGARVE •
VENDE-SE EM LISBOA
na Tabacaria Antunes & C.ª
Av. Almirante Reis, 22-C
(aos Anjos)

ATENÇÃO...

NOVA CAMPANHA CEREALÍFERA SNR. LAVRADOR...

o progresso da técnica aumenta a eficiência das culturas

Os técnicos recomendam o emprego do

Siga o conselho dos técnicos SNR. LAVRADOR...

se quer ter uma seara capaz

ADUBE COM FOSFATO THOMAS

DESPORTO

ALHANDRA, 2 — LUSITANO, 0

MARTINEZ EVITOU A GOLEADA

Jogo no campo do Alhandra, sob a arbitragem do sr. Agostinho Narciso, de Setúbal.

ALHANDRA — Ribeiro; Adérito, Benavente e Sousa; Julião e André; Mega, Antunes, Melo, Nunes Pinto e Neves.

LUSITANO — Martinez; José Pedro, Parra e Gonçalves; Padesca e Tavares; Torres, Jaruga, José Vicente, Rodolfo e Ramires.

Como só uma vitória lhe servia, dada a sua inquietante classificação, a equipa do Lusitano iniciou o encontro numa toada rápida de ataque que lhe permitisse logo de princípio poder adiantar-se no marcador. Não conseguiram, porém, os lusitanistas os seus intentos no que respeita à marcação de golos. E' certo que rondaram várias vezes a baliza adversária, mas a verdade foi que os seus avançados, uma vez com a bola na grande área dos alhandrenses, permitiam sempre que os homens da defesa local se lhes antecipsassem, de forma a poderem aliviar o esférico para longe, ou especialmente a desviá-lo para perto, mas sempre para fora do alcance do dianteiro que melhor colocado estivesse para desferir o remate.

Porém, passados que foram os primeiros minutos, os locais chamaram a si o comando do jogo e aos 9 minutos alcançaram o primeiro tento, e obrigaram Martinez e os restantes elementos defensores a aturado trabalho para «tapar» a sua zona defensiva. Neste período Martinez foi um «gigante», defendendo tudo o que era possível defender.

A partir dos 15 minutos, porém, a feição do jogo passou a ser de equilíbrio, de ataque de uma e outra equipa, por vezes até com bas-

tante perigo, mas os avançados, sempre mais lentos e morosos a dominar o esférico, iam permitindo que os homens dos sectores defensivos lhes levassem a melhor, pelo menos no que respeita a consentirem-lhes remates possíveis de golo.

A segunda parte principiou com os algarvios a tentarem diminuir a diferença, mas os seus avançados continuaram a revelar falta de talento para obterem golos.

E como aquilo que é desperdiçado por uns, quase sempre é aproveitado por outros, o Alhandra foi aos poucos libertando-se da pressão, passando a atacar mais do que o seu antagonista e, aos 25 minutos, na marcação

de uma grande penalidade, conseguiu o segundo tento. Pouco antes já os locais haviam beneficiado de outro «penalty», mas Nunes Pinto atirou ao lado.

Depois deste golo o jogo «parou» um pouco e até final a bola andou quase sempre no meio do terreno não dando, por isso, trabalho aos guarda-redes.

No Alhandra salientaram-se Nunes Pinto, André e Benavente.

No Lusitano, Martinez jogou em grande plano, seguindo-se-lhe o estreante José Vicente, José Pedro, Parra e Padesca.

Arbitragem regular.

M. V.

Campeonato Nacional da II Divisão RELANCE DA JORNADA

Disputou-se no passado domingo mais uma jornada, a 7.ª do nacional da 2.ª divisão em que tomam parte quatro equipas algarvias e cujos resultados foram os seguintes:

Olhanense, 0 — Estoril, 0
Portimonense, 0 — Farense, 2
Alhandra, 2 — Lusitano, 0

O resultado surpresa da jornada foi o encontro em Olhão em que o Olhanense no seu meio, não foi além

de um empate contra o Estoril, grupo este que se encontra a baixo do meio da tabela.

Jogo agradável de seguir em que ambas as equipas se entregaram ao jogo com grande velocidade.

O grupo local não esteve nos seus dias, principalmente a linha avançada pecando, julgámos de início por excesso de confiança; note-se que Campos, a três mi-

nutos do encontro, à boca da baliza do Estoril tentou driblar o próprio guardião quando podia ter atirado a contar. Apareceram ainda muitas oportunidades de golo que só não foram marcadas devido à boa exibição de toda a defesa estorilista, principalmente o seu guardião.

O Estoril mostrou em Olhão ser uma equipa que sabe jogar, tendo uma boa defesa que se entrega bem à luta, com alguns bons valores na linha da frente, além de uma boa linha média, quanto a nós das melhores, senão a melhor, das equipas que esta época por cá têm passado.

O grupo da costa do sol mereceu o empate, que é o resultado certo do que se passou em campo, tomando ainda em conta a grande penalidade falhada perto do final pelo grupo forasteiro.

Em Portimão realizou-se mais um derby algarvio em que saiu merecidamente victorioso o Farense, numa partida mal jogada em que ambos os grupos aplicaram mais o físico do que o futebol bem jogado.

No Portimonense, mais uma vez notou-se a falta de rematadores, pois em sete jornadas apenas conseguiram marcar oito golos, o que é muito pouco para uma equipa que tem aspirações aos primeiros lugares.

O Farense, com esta magnífica vitória, encontra-se agora a um ponto do guia, disposto a discutir o primeiro lugar, pois no domin-

necessitam de jogadores deste quilate

Restam-nos falar das arbitragens. No 1.º jogo da noite, que teve como contendores, Olhanense e Ginásio, foi árbitro o atleta do Farense, Vinhas. Não concordamos que um atleta que a seguir vai disputar um encontro, sirva de árbitro visto que, por mais vontade que tenha, não conseguirá ou, antes, não se esforçará o bastante, para acompanhar as variadas fases do jogo e, para mais, tratando-se dum jogador que iria disputar, dentro de momentos, um encontro tão importante como era o de «Os Olhanenses»-Farense. O sr. Fernando Leitão que dirigiu a partida «Os Olhanenses»-Farense foi honesto e imparcial. Há muito tempo que não víamos tão boa arbitragem.

ÉLIM

TORNEIO DE APURAMENTO PARA O CAMPEONATO NACIONAL DA III DIVISÃO

Resultado dos jogos do passado domingo:

C. F. Esperança, 1 - Sambraz, 1
C. D. de S. Brás, 0 - Silves, 6

Marcaram-se para hoje (dia 13) os seguintes jogos.

Sambrazense - C. D. de S. Brás
Silves F. C. - Louletano D. C.

CAMPEONATO DISTRITAL DE JUNIORES

Resultado do jogo efectuado no passado domingo:

Portimonense, 2 - Olhanense, 3

O jogo Silves-Farense não se realizou por falta de comparência do Silves.

O jogo S. Lisboa e Faro - C. F. Esperança, não se realizou por o C. F. Esperança ter comunicado à Associação F. F., em telegrama, no passado dia 5, a «impossibilidade de comparecer ao campeonato».

Marcaram-se para hoje os seguintes jogos:

Farense - Portimonense
Olhanense - S. Lisboa e Faro

S. Gonçalo de Lagos

(CONCLUSÃO DA 6.ª PAGINA)

Pestalozzi, de um Decroly; e a excepcionalidade dos seus dotes e dos seus méritos de orador, atestam-na sem dúvida sobejamente a fama de grande pregador, de que gozou em todo o País, e sobretudo a classificação, que ainda em vida lhe deram na sua Ordem, do maior orador do seu tempo, esta tanto mais valiosa e edificante, quanto é certo que, então, a ordem dos pregadores (portanto o natural alfobre dos grandes oradores sagrados, onde só reais méritos e dons extraordinários

poderiam fazer alguém saltar-se) não era ainda, como depois foi e hoje é, a dos dominicanos, e sim a dos agostinhos, cujo hábito S. Gonçalo de Lagos vestia. E artista, foi-o notável como músico: compositor primoroso de música sacra, segundo a apreciação dos coevos, registada em velhas crónicas, e autor de livros de cantochão para o coro dos seus conventos, muito apreciados na sua Ordem, como afirma um autor moderno, mas bem documentado; foi-o principalmente como iluminador de grande talento, este sobejamente demonstrado em inúmeros trabalhos de ilustração de livros litúrgicos, que o consagraram, entre os seus contemporâneos, como verdadeiro mestre nessa difícil arte que é a *illumina*, em que ainda hoje só alguns predestinados conseguem brilhar e que, precisamente nos tempos medievais, atingiu o seu maior esplendor.

S. Gonçalo de Lagos, para quantos conhecem um pouco do que foi a sua vida, não se impõe, assim, apenas pela sua santidade — que já seria mais do que suficiente, repetimos, para lhe ganhar a veneração de toda a gente — mas ainda pela sua inteligência privilegiada, pela sua força de vontade invulgaríssima, pelo seu saber, excepcional na sua época, pelos seus dons de artista, pelos seus trabalhos de escritor, pela sua vocação oratória e pela sua obra de educador, pelos seus dotes de extraordinário dirigente de homens e grande administrador de comunidades, pelos altos cargos que exerceu e honras com que foi distinguido ainda em vida. E precisamente porque assim é, afirmámos nós já, algures, que S. Gonçalo de Lagos não deve interessar só aos católicos algarvios, mas a todos os nossos compatriotas, sem excepções; e que, por isso, as comemorações do centenário do seu nascimento não devem constituir manifestação apenas da Igreja Algarvia, e sim de todo o Algarve. Deus queira que os algarvios o compreendam e saibam honrar quem tão grande lustre deu e dá à sua terra!

Antero Nobre

NOVOS UNIFORMES PARA OS Bombeiros Voluntários

Depois de se verificar a necessidade de serem alteradas as actuais características dos uniformes dos Bombeiros Voluntários, acaba de ser publicada uma portaria que determina tais alterações.

Agora pode o pessoal dos corpos de Bombeiros Voluntários ter uniformes de trabalho, de passeio e de gala.

A TV e os seus programas

(CONCLUSÃO DA 1.ª PAGINA)

associados; mas tudo se resolveria, atendendo que, por exemplo, num encontro de futebol que desperte muito interesse, a lotação do respectivo estádio quase, ou mesmo, se esgota.

Deste modo, a TV proporcionaria aqueles que não pudessem acompanhar o seu clube favorito, o prazer de assistirem ao jogo, embora com menos emoção por não poderem inventivar o árbitro, discutirem com o espectador do lado ou incitar os jogadores que envergam a camisola da sua preferência, mas mantendo, mesmo assim, viva a sua fé desportiva.

Nas corridas de toiros, com boa vontade se chegaria a um acordo e dispensava-se o anúncio que, actualmente, é feito na rádio, afirmando que o espectáculo não será televisionado, na ilusão de que o público acorra em maior número, não ocorrendo no entanto, que para um aficionado, nada chega à sensação de ver ao natural cravar um bom par de bandarilhas, ou gritar um olé (!), quando o toureiro, num gesto de audácia e saber, se arrima ao touro num passo «ayudado por alto».

No respeitante aos espectáculos de variedades, seria até um motivo de regozijo para as respectivas empresas, verem divulgadas as suas atracções, mesmo porque os frequentadores habituais vão lá para se divertirem e por isso continuariam fiéis aos seus costumes.

Para além do que ficou dito, sou de opinião que alguns programas existentes devem ser mantidos, embora rejuvenescidos e se devem criar concursos instrutivos e rubricas didácticas no género das «Charlas Linguísticas» que, sem serem enfadonhas, são de uma utilidade incontestável.

Assim, solucionar-se-ia um grande problema e, certamente, a nossa TV sairia do círculo vicioso em que caiu.

Diniz D. Martins da Silva

go joga no seu campo enquanto o leader se desloca a Beja, que ganhou no passado domingo em Sacavém.

Finalmente, o Lusitano saiu derrotado de Alhandra. O mau tempo prejudicou os melhores desejos e possibilidades de ambas as equipas.

O grupo local, exibindo-se em plano superior no primeiro tempo, mereceu o triunfo.

Hoje realiza-se a 8.ª jornada, com os seguintes encontros:

Lusitano-Juventude
Beja-Olhanense
Farense-Montijo
Olivais-Portimonense

O Lusitano no seu campo deverá vencer pela primeira vez, embora com um pouco de dificuldade, pois o grupo alentejano querará fu-

gir ao penúltimo lugar, onde se encontra.

O Olhanense, em Beja, vencerá, embora com certas dificuldades, pois os bejenenses estão a melhorar e ainda no passado domingo venceram em Sacavém. No entanto, o leader querará mostrar que o resultado do domingo nada quer dizer quanto ao seu real valor.

O Farense, no seu meio, não deve encontrar dificuldades de maior e deverá vencer facilmente.

Finalmente, o Portimonense desloca-se a Olivais, e terá tarefa assás difícil pois os locais, com a vitória folgada que conseguiram em Évora, não se deixarão surpreender facilmente.

Vitorino Constantino

TORNEIO DISTRITAL DE RESERVAS

Principiou ontem o Campeonato Distrital de Reservas, cujo sorteio, efectuado no passado dia 5, na A. F. F. teve o seguinte resultado:

1.ª jornada Farense-Lusitano. 2.ª jornada Lusitano-Olhanense. 3.ª jornada Portimonense-Farense. 4.ª jornada Portimonense-Olhanense. 5.ª jornada Olhanense-Lusitano. 6.ª jornada Farense-Olhanense. 7.ª jornada Farense-Portimonense. 8.ª jornada Olhanense-Portimonense e Lusitano-Farense. 9.ª jornada Olhanense-Farense e Portimonense-Lusitano. 10.ª Lusitano-Portimonense.

BASQUETEBOL

Segunda Jornada do «Torneio Abertura»

S. C. Olhanense, 27
Ginásio, 46
C. D. «Os Olhanenses», 48
S. C. Farense, 27

S. C. Olhanense: Luís (7), Flávio (7), Pombinho (4), Eduardo (7), Pacheco (2), Evaristo, Vitorino, Oscar, F. Lopes e Lelé.

Ginásio: Pinto (8), Lázaro (6), Amaro (9), Humberto (7), Benedito (2), Bento (12), J. Franco (2), José António e Miguel.

C. D. «Os Olhanenses»: Hernâni (12), Olímpio (2), Dias (18), Evangelista (4), Filipe (2), J. Santos (4), Dantel (2) e Ferro (4).

S. C. Farense: Salvador, Vinhas (16), Eurico, Estevinha (4) Amaro, «Sabinos» (1), Jorge, Orlando e Dias (6).

REALIZOU-SE na sexta-feira, 4 do corrente, mais uma jornada do «Torneio Abertura».

No 1.º encontro da noite defrontaram-se as equipas do S. C. Olhanense e do Ginásio C. Olhanense. Os Ginásistas que não realizaram grande exibição, tiveram, não obstante, a virtude de procurarem anular o mais perigoso elemento do Olhanense e conseguiram-

ram-no. Queremo-nos referir à marcação, homem a homem, que Bento impôs a Luís. U na vez anulado Luís, o resto foi fácil...

Distinguíram-se na equipa rubro-negra Pombinho e Evaristo. Nos «verdes e brancos» todos fizeram por cumprir, mas é de realçar a boa exibição de Pinto, assim como Amaro e Lázaro Pinto, que está senhor numa técnica admirável e numa pujança física ímpar, que nos parece que a continuar assim, será dentro em pouco o «Borges» que tantos triunfos deu no Ginásio, o único clube que representou até à data.

O 2.º jogo da noite foi o mais emotivo e o que reuniu melhores atractivos. «Os Olhanenses» fizeram uma exibição magnífica. Há muito tempo que não assistimos a uma partida tão bem disputada por banda do clube de Olhão! Não é qualquer grupo que se pode vangloriar de vencer o Farense por uma diferença tão expressiva, e através dum exibição que não deixa margem para dúvidas.

No Farense foi notória a falta de ligação entre os sectores, mormente no ataque. Tão grande foi a desorientação que se apossou do grupo, que vimos muitas vezes Vinhas, Salvador e Jorge falharem cestos em que o difícil seria não concretizá-las. Não queremos de maneira alguma, com estas considerações, menosprezar a valia e a autoridade com que «Os Olhanenses» se impuseram ao adversário, até porque não é nosso intuito, afirmarmos o que não presenciamos, para não sermos alcunhados de mentirosos e facciosos.

No Farense, Dias e Vinhas foram apesar de tudo os menos «mús». Nos «Os Olhanenses» todos se exibiram em grande plano, mas é justo que destaquesmos Ferro, Hernâni e Dias. Este atleta, que é sem dúvida nenhuma um desportista da mais fina estirpe, está actualmente em forma apuradíssima, e pena é que não possa dar de futuro o seu concurso à equipa que representa, pois «Os Olhanenses», e muito particularmente o basquete algarvio,

Nesta casa quem compra uma vez fica sendo freguês



LAS LANIFICIOS SEDAS
ALGODÕES DIFERES INTE-
RIORES E EXTERIORES
MEIAS PEUGAS
E CAMISARIA

AGENTES DAS MÁQUINAS DE TRICOTAR "LA ROYAL"

A Tipografia TIPOCOLOR

Chama a v/ atenção especial para a qualidade dos seus trabalhos.

TRAVESSA 18 DE JUNHO, 7

OLHÃO

«ALFAIATARIA RAMOS»

DE FRANCISCO RAMOS

TECIDOS CONFECÇÕES — OBRA CLÁSSICA e de SPORT FARDAS PARA A COMUNHÃO CRISTÁ

CONSULTE O FIGURINO ESPECIAL

EXECUÇÃO RÁPIDA E PERFEITA, SOBEJAMENTE COMPROVADA PELA SUA CLIENTELA

EXPERIMENTE E, SERÁ CLIENTE PARA SEMPRE

Largo S. João de Deus - ex. Largo da Cacela, n.º 8 — OLHÃO

NÃO sei se os prezados leitores já repararam na ementa que, diariamente, nos é fornecida pela RTP.

Estou certo que sim e por isso faço-lhes estas perguntas:

Que tal a acham?

Bem condimentada?

Bom, depois de saboreá-la, querião ter a bondade de dissertar comigo, sobre tão apetitoso acepipe?

Façamos, primeiramente, uma pequena comparação:

Num restaurante de 3.ª categoria ou numa taberna de comes e bebes, a ementa desde a segunda-feira ao domingo e durante meses e meses consecutivos é sempre e mesma.

Deste modo, um comensal raramente permanece lá hospedado mais do que umas poucas semanas, em virtude de ficar completamente enjoado pela pouca variedade dos pratos servidos, muito embora, uns sejam mais substanciais do que outros.

Agora, digam-me:

Estamos ou não no caso da TV em Portugal?

Fazem-se programas a longo prazo e o resultado é igual ao do comensal, embora subsista uma pequena diferença; enquanto os comensais são senhores da sua vontade e podem deixar o restaurante ou taberna quando estiverem enjoados, os telespectadores não podem deitar para o lixo os seus aparelhos, porque lhes custaram bom dinheiro, nem tão pouco podem recusar o pagamento da respectiva taxa anual, que se cifra na módica quantia de 360\$00, o equivalente à assinatura de um jornal diário durante o mesmo espaço de tempo (como anunciava a locutora, sem levar em consideração que a palavra jornal, só por si, significa diário).

Além disso, aos primeiros ainda lhes é permitido protestar, ao contrário dos segundos que, nada podem dizer e se tomarem essa liberdade, por escrito, claro, o

destino da sua reclamação é certo: o cesto dos papéis.

E agora, seja-nos permitido perguntar:

Porque não se procuram novos valores para elaborarem trimestralmente a programação?

Porque não se junta a vontade (dos jovens) à experiência (dos veteranos) na realização de novos programas?

Porque não se transmitem, assiduamente, programas directos?

No meu entender, os programas directos agradariam imenso aos espectadores.

Por isso, levando em conta que, no nosso País, o nível de cultura não é muito elevado, temos por conseguinte que atender à preferência da maioria da população e, em especial, da provincialina, dados os poucos meios de distração ao seu alcance.

Assim, em colaboração com as principais «boites», casinos, retiros típicos, teatros de amadores, no vasto campo desportivo e taurómico, encontraríamos os actuais realizadores e produtores da nossa TV, motivos para contentar o nosso Povo.

Todos nós sabemos perfeitamente que, a deslocação de uma brigada de exteriores com o respectivo equipamento, é bastante onerosa e que as Federações Desportivas exigem rios de dinheiro pela transmissão directa dos prêmios disputados pelos clubes seus

(CONCLUI NA 5.ª PAGINA)

MATERNIDADE

Feliz como todas as mães a imperatriz da Pérsia explica ao mundo a sua felicidade.

Mas saberá ela nunca os sa críficos de uma mãe que das rústicas palhas que servem de berço a seu filho o ergue corajosamente e faz dele um homem?

Haverá alegria que se compare à que brota do sacrifício?

(CONCLUI NA 5.ª PAGINA)

O PLANO DE ACTIVIDADES MUNICIPAIS DE ALBUFEIRA

(Conclusão da 1.ª página)

Tesouraria — Já se encontram concluídas as obras de adaptação do pátio da secretaria, para a instalação condigna dos serviços de tesouraria, tendo também sido adquirido todo o mobiliário necessário ao funcionamento desse serviço. Aguarda-se que seja feito o fornecimento pela Fazenda Pública de um cofre à Tesouraria do Estado, a qual presentemente se serve do cofre que é nosso património, para a entrada em funcionamento da tesouraria municipal.

Este serviço trará grandes benefícios para o público, evitando grandes perdas de tempo e dando satisfação ao reparo feito pela Inspeção Administrativa. Na gerência de 1961, o único encargo a ser considerado neste capítulo, além do vencimento do tesoureiro, resume-se à aquisição de impressos e franquias inerentes ao seu funcionamento.

Obras — Embora seja este o capítulo mais importante deste plano de actividades, a verdade é que no próximo ano o volume de obras a levar a efeito pelo Município não pode ser comportado pelas receitas ordinárias e próprias a arrecadar. Por essa razão, o conselho municipal não espera neste capítulo a realização de obras de grande vulto no concelho de Albufeira. No entanto, a verdade é que tais obras são in-

dispensáveis e nós temos de as realizar contando especialmente com o auxílio do Estado. Deste modo, e esperando que tudo corra normalmente, pensamos realizar as seguintes obras: melhoramentos rurais; reparação da estrada municipal de Maridenda a Pera — conclusão da 3.ª fase e execução da 4.ª fase; construção do pontão sobre o ribeiro de Espiche, no troço da estrada municipal de Albufeira a Pera por Vale de Parra; melhoramentos urbanos; — conclusão da 1.ª fase da obra de pavimentação de arruamentos em Albufeira; conclusão da obra da esplanada da praia de Albufeira — 1.ª fase; salubridade — aquisição e montagem de um grupo electrobomba na estação elevatória de águas, em Olhos de Água; abastecimento de água à nova zona da vila denominada «Serro da Piedade»; construção de colectores para o saneamento da Avenida Gago Coutinho (acesso à F. N. A. T.), e dos novos arruamentos do Serro da Piedade; electri-

cidade-electrificação das povoações da Guia, Paderne, Ferreiras e Olhos de Água; remodelação da rede eléctrica de baixa tensão da vila de Albufeira — 2.ª fase. Se a tudo isto juntarmos as reparações a efectuar em arruamentos, estradas e caminhos municipais, caminhos vicinais, edifícios escolares, edifícios municipais e todas as outras que pela sua diversidade não podem aqui ser mencionadas, incluindo as verbas que tentamos conceder às Juntas de Freguesia da Guia e Paderne, para melhoramentos de interesse público nos termos do artigo 753.º do Código Administrativo, fica a conhecer-se claramente o que vai ser a actividade da Câmara Municipal no capítulo de obras para o ano de 1961.

Jardins — Continuaremos a beneficiar estes serviços com a plantação de mais árvores em ruas e com a aquisição de roseiras e outros arbustos destinados ao embelezamento do jardim do

Largo Engenheiro Duarte Pacheco.

Instrução — Continuaremos a suportar o encargo que a lei nos impõe para que estes serviços continuem a funcionar, reparando o material necessário, concedendo verbas para expediente aos agentes de ensino, fornecendo todo o material de expediente à delegação escolar destinada a todas as escolas do concelho e pagaremos as rendas das casas onde funcionam as escolas que ainda não se encontram instaladas em edifícios do Plano dos Centenários.

PLANO DE ACTIVIDADE TURÍSTICA

Em face dos poucos recursos financeiros de que dispõem os serviços de turismo, não pode o concelho afastar-se da modéstia habitual ao elaborar o presente plano de actividade turística.

As receitas previstas a arrecadar no ano de 1961 são as seguintes: Impostos directos, 85.920\$00; taxas e rendimentos de diversos serviços, 30.400\$00; rendimento de bens próprios, 750\$00; consignação de receitas, 5.122\$00. Total, 120.192\$00.

Na despesa novamente teremos de atender, de uma maneira especial, a obra de construção da nova esplanada de turismo, cuja execução está a ser realizada pela Câmara Municipal com a comparticipação financeira do Estado. Como o Município não dispõe de receitas suficientes para suportar um encargo desta natureza, continuaremos a subsidiá-lo no próximo ano, a fim de esta entidade poder concluir a obra destinada à urbanização do Hotel Sol e Mar, grande empreendimento de iniciativa particular que muito contribuirá para o desenvolvimento turístico da nossa província, muito especialmente da vila de Albufeira.

Dotaremos os serviços com as habituais verbas, destinadas à manutenção dos mesmos, como seja caiações e pinturas de esplanadas, escadas de acessos a miradouros, conservação do pavilhão de turismo, propaganda, festas etc., incluindo as despesas a realizar com o pessoal assalariado de carácter permanente e eventual. Adquiriremos mais toldos e barracas para a praia de forma a que possam ser atendidas todas as requisições de banhistas. Também será adquirida uma passadeira de madeira para a praia, destinada a facilitar o acesso de pessoas, especialmente crianças, aos toldos e barracas, para dar satisfação aos reparos feitos em épocas balneares transactas.

(CONCLUI NA 5.ª PAGINA)

S. GONÇALO DE LAGOS

tros aspectos da sua vida, menos salientes e relevantes, sem dúvida, do que o da sua santidade, mas igualmente notáveis e honrosos para S. Gonçalo de Lagos e para a grei de onde proveio e a que pertence.

É devido àquela ignorância, que poucas pessoas se terão dado conta do que há de excepcional, valioso e honroso, por exemplo, no facto de um humilde e paupérrimo pescador lacobrigense — numa altura em que ainda a quase totalidade dos reis e príncipes não sabia ler nem escrever e muitos clérigos eram analfabetos; num tempo em que ainda não havia escolas, e professores praticamente não existiam em pequenas localidades, como a vila de Lagos então era — ter conseguido, pela sua inteligência, pela sua força de vontade e pelo seu trabalho, ilustrar-se ao ponto de, mal saído da adolescência, ler e escrever correctamente, e até de forma literária, não só o português, mas ainda latim, tudo então apanágio de letrados eminentes, de doutores e daqueles a que hoje em dia chamamos sábios; ou no facto de um religioso noviço, mal saído de um meio pobre de pescadores humildes, ser logo escolhido, por sua inteligência, sua preparação e seus dotes, para frequentar estudos superiores — o *Estudo Geral*, velha e famosa universidade portuguesa — praticamente só abertos a inteligências excepcionais, e sobretudo no facto de se ter depois revelado tão distinto em tais estudos, que no fim deles é convidado a doutorar-se e a ingressar na corporação dos mestres universitários, então constituída pelas maiores sumidades, nacionais e estrangeiras, em todos os ramos do saber; ou ainda no facto de um simples religioso, bastante novo na idade e na experiência da vida e dos homens — numa altura em que na sua Ordem proliferavam os varões ilustres, não apenas pela longevidade, pela experiência e pela piedade, mas igualmente pelo saber, pois dela saíam os principais e mais famosos mestres dos estudos superiores, e até alguns dos magníficos reitores universitários — ter sido escolhido, logo pouco depois de professor, para altos cargos de governo, que o levaram sucessivamente, do priorado de um convento dos arredores da Lourinhã, ao das mais importantes casas dos agostinhos em Portugal, como Torres Vedras, Santarém e Lisboa, e ao próprio Priorado Geral da Ordem, e principalmente no facto de, ao desempenhar tais cargos, se ter notabilizado tanto, que a própria *História da Igreja em Portugal* não pôde ignorar ou esquecer o seu nome, e foi obrigada a inscrevê-lo entre os dos mais notáveis admi-

nistradores, reformadores e dirigentes eclesiásticos que o clero regular e secular deu ao País na Idade-Média.

Aliás, S. Gonçalo de Lagos não se notabilizou apenas pela forma como dirigiu, administrou e reformou comunidades religiosas, ou pelo brilho com que seguiu e concluiu os seus dois cursos universitários, — o de *Teologia* e o de *Artes*, este englobando então a *Gramática*, a *Dialéctica* e a *Música*; a sua figura é notável ainda pelos livros que escreveu (e em que revelou tanto saber teológico e tal arte literária, que os seus próprios superiores, em dada altura, lhe deram como obediência escrever outros mais, para estudo e edificação dos seus confrades) pela sua actividade de pregador, pelos seus trabalhos de artista e pela sua obra de catequista. Nesta última, e não apenas nos trabalhos que por ventura escreveu, mas principalmente nos que se expressaram pela sua acção prática e directa de mais de dez anos consecutivos junto de adultos e sobretudo de crianças, S. Gonçalo de Lagos mostrou, até, ser bem aquilo a que hoje chamariamos um pedagogo, e notabilíssimo, usando métodos de convivio e de ensino avançadíssimos para o seu tempo, alguns que podem considerar-se, sem exagero e sem favor, longínquos e magníficos percursos daqueles que, modernamente, consagraram os nomes de um Froebel, de um

(CONCLUI NA 5.ª PAGINA)



A DIFICULDADE DA PERSISTÊNCIA DA COR DEIXOU DE SER UM PROBLEMA!...

Segundo dados fornecidos por Revistas estrangeiras que se dedicam em exclusivo a assuntos relacionados com a Indústria de Conservas de todo o Mundo, as conservas empapeladas quando expostas em montras ou prateleiras de mercearias, perdem as cores e os dizeres apagam-se passados os primeiros 6 dias de exposição.

Informam ainda essas Revistas especializadas que os principais agentes provocadores desse desaparecimento são os raios solares e as luzes de «néon».

TODOS OS ENVOLTÓRIOS E RÓTULOS CONFECCIONADOS NAS OFICINAS DA «TIPOGRAFIA SOCORRO» SÃO IMPRESSOS COM TINTAS ESPECIAIS EM ABSOLUTO EXCLUSIVO, TOTALMENTE INSENSÍVEIS AOS RAIOS SOLARES E À LUZ «NÉON» SENDO A PERSISTENCIA DA COR GARANTIDA PARA MAIS DE UM ANO...

APESAR DOS NOSSOS ENVOLTÓRIOS TEREM ALÉM DO SEU RIGOR TÉCNICO ESTA NOVIDADE DAS CORES PERSISTENTES OS PREÇOS SÃO MANTIDOS COMO OS MELHORES DO MERCADO.

Agradecemos a vossa consulta para verificação dos n/ serviços e preços

TIPOGRAFIA SOCORRO
VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

Muitas vezes é suficiente apenas 1 comprimido.

Contra dores de cabeça constipações reumatismo



FOTOGRAFIA CAMPINA

Rua Dr. Miguel Bombarda, 1 // OLHÃO // Telefone 255

NA ACADEMIA MILITAR DE LISBOA PROSSEGUIU O COLÓQUIO HENRIQUINO

Na Academia Militar de Lisboa prosseguiu o Colóquio Henriquino. Em 8 do corrente efectuaram-se duas sessões. Uma presidida pelo sr. Artur Azevedo, estudante da Universidade do Porto. A outra, teve a presidência o estudante sr. Costa Felix, de Lisboa.

Na primeira, discutiu-se o comunicado da Academia Militar, «A Crise de 1383 e a Inclita Geração», da autoria do alferes sr. Garcia dos Santos. Na segunda, foi debatido o comunicado «O Infante D. Henrique e a sua obra», assinado pelo sr. Sousa Azevedo, aluno da Faculdade de Medicina do Porto.

No primeiro dos referidos trabalhos foi feito um resumo histórico da vida dos Infantes e analisado o ambiente da corte, transformado pelos Infantes e por D. Filipa de Lencastre.

No segundo trabalho, tentou-se provar a existência de um espírito científico da época dos Descobrimientos, a existência da Escola de Sagres e ser o Infante D. Henrique um homem de vastíssima cultura.

Como tudo quanto se refere à nossa província nos interessa sobremaneira, constatamos com subido prazer que é uma grata realidade, útil sob todos os aspectos, a efectivação dos Colóquios Henriquinos na Academia Militar de Lisboa.